



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ALINE PINHEIRO DE SALES

**O VAQUEIRO NO PIAUÍ: práticas e representações culturais em Picos -
PI (1980-2000)**

PICOS, PI.
2015

ALINE PINHEIRO DE SALES

**O VAQUEIRO NO PIAUÍ: práticas e representações culturais em Picos -
PI (1980-2000)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

PICOS - PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S1637 Sales, Aline Pinheiro de.

O vaqueiro no Piauí: práticas e representações culturais em Picos-PI (1980-2000) / Aline Pinheiro de Sales. – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (54 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador(A): Prof. Me. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

1. Vaqueiro-Picos. 2. Sertão Nordestino. 3. Vaquejada. I. Título.

CDD 981.22

ALINE PINHEIRO DE SALES

**O VAQUEIRO NO PIAUÍ: práticas e representações culturais em Picos -
PI (1980 - 2000)**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em História.

Orientador (a): Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Aprovada em 24 / 06 / 2015

BANCA EXAMINADORA

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Orientador

Mairton Celestino da Silva

Prof.(a) Ms. Mairton Celestino da Silva

Examinador (a)

Mara Gonçalves de Carvalho

Prof.(a) Ms. Mara Gonçalves de Carvalho

Examinador (a)

PICOS-PI

2015

Lembranças de vaqueiro

*Eu sou um vaqueiro
Fã de verso e vaquejada
Vou contar em poesias
A minha vida passada
Daqueles tempos pra hoje
Restam saudades mais nada
Com a mente perturbada
Eu trago em meu coração
Saudade de vaquejadas
E corridas de mourão
Sinto uma dor cruciante
Da velha recordação
Lembro a casa do patrão
É antiga moradia
A fazenda verdejante
Os currais e vacaria
Onde eu desleitava as reis
Pelas manhãs todo dia
Nas vaquejadas corria
Com meus amigos vaqueiros
Dei muitas quedas em garrotes
Nos baixinhos e nos oiteiros
Farrei, dancei, namorei
As filhas dos vaqueiros
Hoje aqueles tabuleiros
Todos diferentes são
Acabou-se o bebedouros
Morreu também o patrão
Gado não existe mais
Nem festa de apartação
Aquele velho mourão
O tempo quis dar-lhe fim
Rolou-se o tronco e o mesmo
Hoje embola no capim
Nele mora o mangangá
A lagarta e o cupim
Um carro de boi no fim
Sem ter roda nem guiada
Um arado que a ferrugem
Já fez sua morada
Um chocalho sem badalo
No alpendre da calçada
Relembrando vaquejada
Hoje a saudade me ataca
Da bezerrama no pasto
E do mugido das vacas
Um velho chifre de boi
Na cabeça d'uma estaca*

*Já que a saudade me ataca
Tenho que suportar ela
Guardei meu chapéu de couro
Espora, gibão e cela
Pra um dia quando eu morrer
Servirem todos de vela
Quando eu morrer quero a cela
Meu gibão, o meu chapéu
As rédeas do meu cavalo
Para me servir de véu
Eu quero é chegar de trajés
De vaqueiro lá no céu*

(Galego aboiador.)

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria que chego ao final de uma etapa tão árdua em minha vida. Em meio a tantos desgastes e lutas, hoje me sinto imensamente feliz em concretizar este trabalho. Agradeço primeiramente a Deus, por sempre nos proporcionar o dom mais belo e valioso que existe, a vida. Obrigada, Senhor, por oferecer-me paciência, sabedoria, perseverança e coragem necessárias para vencer esta caminhada.

Agradeço aos meus pais, Rosa e José, pelo apoio, dedicação e amor que me deram sempre. Essa vitória é também deles, por sempre me darem força e me incentivarem nessa jornada. Agradeço a minha avó Francisca que me acolheu em sua casa durante todo o período do curso.

Agradeço a minha irmã Kaline, pelo companheirismo e apoio que sempre me deu. Aos meus amados sobrinhos, Kauã e Naiane, por me trazerem amor e felicidade. Queridos, vocês são muito especiais pra mim. Muito obrigada.

Agradeço a toda a minha família, pelo carinho e atenção, em todos os momentos. Agradeço em especial aos meus avós, Abel José e Lourenço (in memoriam), que foram exemplo de honestidade, bondade e humildade, e serão sempre referência para mim.

Não poderia esquecer os meus colegas de turma, em especial aqueles mais próximos: Ana Beatriz, Adalgisa e Evaldo, com os quais pude compartilhar as descobertas e aprendizados deste curso de graduação, nunca esquecerei as brincadeiras e risadas que demos juntos. Agradeço a todos da turma de História 2011.1. Obrigada por tornarem esta caminhada mais alegre e satisfatória.

Ao professor Francisco Gleison, meu orientador, que teve muita paciência comigo e deu importantes contribuições para minha formação profissional; à professora Ana Pula Cantelli, que muito me auxiliou nos primeiros passos deste trabalho, assim como os demais professores do curso de História da UFPI, Campus de Picos.

Aos entrevistados, muito obrigada, agradeço pela disponibilidade, acolhimento e confiança em compartilhar comigo suas falas e memórias, que foram de fundamental importância para a escrita e concretização deste trabalho.

Enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos. Muito obrigada!

Tu que estás sob a proteção do altíssimo e moras à sobra do onipotente, diz ao Senhor: “Meu refúgio, minha fortaleza, meu Deus, em quem confio”.

Ele te livrará do laço do caçador, da peste funesta; ele te cobrirá com suas penas debaixo de suas asas encontrará refúgio.

Sua fidelidade te servirá de escudo e couraça.

Não temerás os terrores da noite nem a flecha que voa de dia, nem a peste que vagueia nas trevas, nem a praga que devasta ao meio dia.

Cairão mil ao teu lado e dez mil à tua direita; mas nada poderá te atingir.

Basta que olhes com teus olhos, verás o castigo dos ímpios.

Pois teu refúgio é o senhor, fizeste do altíssimo tua morada.

Não poderá te fazer mal a desgraça, nenhuma praga cairá sobre tua tenda.

Pois ele dará ordem a seus anjos para te guardarem em todos os teus passos.

Em suas mãos te levarão para que teu pé não tropece em nenhuma pedra.

Caminharás sobre a cobra e a víbora, pisarás sobre leões e dragões.

Eu o salvarei, porque a mim se confiou; eu o exaltarei, pois conhece o meu nome.

Ele me invocará e lhe darei resposta; perto dele estarei na desgraça, vou salvá-lo e torná-lo glorioso.

Vou saciá-lo com longos dias e lhe mostrarei minha salvação.

(SALMO: 91(90))

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema O VAQUEIRO NO PIAUÍ: prática e representações culturais em Picos-PI (1980-2000). O foco da pesquisa são as questões relacionadas às práticas e representações sociais do vaqueiro no Piauí, especificamente, na cidade de Picos. Assim como diversas cidades do Piauí, o município de Picos nasce da atividade da pecuária ainda no período colonial, que começou com as “pegas de boi” ou festas de apartação nas fazendas, antigas vaquejadas de mourão. Hoje vemos a permanência dessas práticas, mas avaliamos que houve transformações na vida desses sujeitos e dos sertões nordestinos. Portanto, debruçamo-nos a investigar sobre como essas práticas hoje são tomadas como eventos “modernos” de vaquejadas. A partir da década de 1980, essa prática vem se transformando, e hoje é tida e praticada como esporte por muitos simpatizantes. Com a substituição da apartação pela vaquejada, o vaqueiro, como símbolo dessa prática, adquiriu importância social e cultural no interior do nordeste, através da instalação das fazendas e do trabalho com o gado. Dessa forma, procuramos demonstrar as relações de trabalho existentes nessa atividade, quando era praticada apenas nas fazendas, no laborar com o gado, e hoje nos parques de vaquejada, como esporte e espetáculo para a plateia.

Palavras-Chave: Vaqueiro; Práticas; Representações; Memórias.

ABSTRACT

This research has the theme "COWBOY IN PIAUÍ": practical and cultural representations in Picos - PI (1980-2000). The focus of the research are issues related to social practices and representations Cowboy in Piauí, specifically in the city of Picos. As well as several cities in Piauí the municipality of Picos born livestock activity even in the colonial period that began with the "ox handles" or party of apartheid in farms, old rodeos of pole. Today we see the permanence of these practices, but we assess that there were changes in the lives of individuals and of the northeastern backlands. Therefore we worked through investigating how these practices are now taken as events "modern" of rodeos. From the 1980s, this practice has been transformed and today is considered and practiced by many supporters as esportes. Com replacement of apartheid by vaquejada, the cowboy as a symbol of this practice, acquired social and cultural importance within the northeast through the installation of farms and work with cattle. Thus, we seek to demonstrate the existing labor relations in this activity when it was practiced only on farms in laboring with cattle and today in vaquejada parks as a sport and spectacle for the audience.

Keywords: Cowboy; Practices; Representations; Memories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Localização da cidade de Picos (em destaque)	23
Imagem 2: Vaqueiros de campo, Abel José e Francisco Buenos-Aires, da Localidade Futuro Município de Picos – PI, de saída para campear o gado no mato	24
Imagem 3: Parque de Vaquejada Santinho Xavier, Localizado no Bairro Parque de Exposição Picos – PI. Vaqueiros em competição na pista de vaquejada correndo boi	26
Imagem 4: Vaqueiros pegando boi no mato na macrorregião de Picos – PI.....	31
Imagem 5: Vaqueiros em competição na pista de vaquejada derrubando num espaço de 6 metros entre as duas faixas, que é o local onde se deve derrubar o boi	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A PECUÁRIA, A FORMAÇÃO DO SERTÃO NORDESTINO E A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PICOS-PI	18
1.1 A formação do Sertão Piauiense.....	19
1.2 Criação do Município de Picos: práticas e representações culturais em Picos Piauí	22
2 VAQUEIRO E VAQUEJADA: DO TRABALHO NAS FAZENDAS DE GADO AO ESPORTE NAS PISTAS	30
2.1 Das “pegas de boi”, Corrida de Mourão e/ou festas de Apartação as Vaquejadas Modernas	31
2.2 As narrativas dos Velhos e Novos vaqueiros e suas subjetividades.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas e representações socioculturais do vaqueiro no Piauí, especificamente na cidade de Picos, considerando o seu processo de formação, pois, assim como diversas cidades do Piauí, o município de Picos nasceu da atividade da pecuária. Portanto essa prática de trabalho do vaqueiro adquiriu importância cultural no interior do nordeste através da instalação das fazendas e do trabalho com o gado. Para a construção do embasamento teórico, que trata do Piauí em seus diversos aspectos, foram utilizados autores como: Tanya Brandão, Teresinha Queiroz, Luiz Mott, Claudete Dias, Odilon Nunes e Miridan Falci.

A verificação de autores que tiveram suas produções historiográficas voltadas para a compreensão do mundo do trabalho, do vaqueiro e das vivências cotidianas que desenvolveram esses sujeitos, dentre outras perspectivas, foram pontuando as formas de viver determinadas pela vida no mundo das fazendas. A partir da década de 1980, essa prática vem se transformando e hoje é tida e praticada por muitos, como esporte e espetáculo. Com essas novas feições vê-se uma mudança nos termos de vaqueiro e vaquejada.

Os vaqueiros são tidos como profissionais especializados nesses eventos, e a vaquejada, atividade esportiva, de competição e espetáculo. Esta no passado era tida apenas como atividade do campo, do laborar com o gado, mas hoje é uma atividade em que os participantes são competidores. Estes eventos são marcados em calendário com data e hora, envolvem patrocinadores de peso, que dão apoio ao evento, envolvem um espírito de competição e um grande clima de festa que arrasta multidões e “embriaga” de emoção quem dele participa, essa é a vaquejada moderna.

Sem registros precisos de datas, sabe-se que somente em meados de 1940 os vaqueiros de várias partes do nordeste começaram a tornar públicas as suas habilidades, corrida de mourão, que começou a ser esporte popular no nordeste. Esta tradição foi sendo notada no decorrer dos anos pelos fazendeiros que perceberam que naqueles dias de pega de boi havia um enorme alvoroço na região. Começou-se então a oferecer prêmios aos melhores vaqueiros, e a organização de eventos passou a ser mais bem estruturada e com datas e hora marcadas. Hoje a vaquejada moderna tornou-se uma grande festa com espetáculo de festas, com bandas de forró, desfile etc. Estas atraem não só os vaqueiros, mas também os simpatizantes e amantes da vaquejada. Segundo Hobsbawm,

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p.10)

O interesse pelo objeto de pesquisa surgiu primeiramente da paisagem que faz parte da minha infância, pois, sendo filha e neta de vaqueiro, cresci em meio a esses sujeitos. A partir desse convívio e desse ambiente, criei um estereótipo da imagem tradicional do vaqueiro, que hoje vejo diferente do que aprendi a identificar como “o vaqueiro”. Este estereótipo se construiu também através de histórias ouvidas no município de Picos e experiências vividas ao lado de um velho vaqueiro, o meu avô. Essas “razões pessoais” foram quem me incentivaram a trabalhar com esse tema.

O “poder simbólico” é o elemento fundamental dentro da nossa sociedade contemporânea, no que tange aos elementos de dominação e conservação do “status quo” vigente. Segundo Bourdieu, os hábitos e ferramentas de atuação dentro da sociedade são estabelecidos por elementos simbólicos. (BOURDIEU, 2005).

É nessa busca de conexão do passado, memória e presente como possibilidade de construção da História que se busca tornar-se conhecida essas transformações ocorridas. As mudanças ocorridas no cenário nordestino, em especial no contexto do vaqueiro, com a substituição da apartação pela vaquejada, no início do século XX.

Partindo deste viés, classifico a minha pesquisa como algo oriundo de inquietações múltiplas que passeiam pelos campos da história cultural e dos conceitos, que, segundo Stuart Hall, “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações tempo-espço no interior de diferentes sistemas de representação tem efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas”. (HALL, 2005). Busco compreender como o vaqueiro é representado nessas simbologias atuais na sociedade e como esta cultura está ligada à identidade do piauiense.

Imagens que construímos, que ainda permanecem em nossa memória e com as quais aprendemos a identificar a figura do vaqueiro como sendo aquele homem que aboiava e, montado a cavalo, conduzia o gado, trajando perneira, chapéu e gibão. Hoje observamos que essa imagem nem sempre condiz com as representações contemporâneas, que evidenciam o vaqueiro de pista de vaquejada, que não traja esta vestimenta do vaqueiro de antigamente e nem tange as “reses” campo a fora. Essas são algumas das transformações ocorridas, que

passou de prática de trabalho de vaquejar, laborando com o gado, para o esporte nos parques de vaquejada.

O objetivo primordial desse trabalho é perceber e compreender de que forma as práticas e representações culturais do vaqueiro no Piauí veio se transformando de trabalho para esporte. Discutindo os processos de formação e transformação, ocorridos nos sistemas que simbolicamente nomearam o mundo cultural do vaqueiro piauiense.

Analisando, as práticas e representações culturais que vêm se transformando na comunidade dos vaqueiros, constatamos, segundo Audrey Tapety, “que não devemos pensar numa desagregação identitária desses sujeitos, mas em multiplicidade de pluralidade de identidade que se formaram por meio de influências de novos códigos culturais” (TAPETY, 2007, p.22), que constituem a necessidade de está em dia com os frutos da modernidade e dos padrões de consumo que culminaram com o efeito da globalização, o que acelerou o processo de integração mundial da cultura. Este processo colocou em xeque a idéia de existência de um “centro” determinado que produza identidades fixas e unificadas.

O recorte temporal será o de 1980, período em que o vaqueiro passou por transformações decorrentes da distinção entre apartação e vaquejada, provocada por mudanças no manejo do gado e, conseqüentemente, pela representação social do vaqueiro. A pecuária inovou com a passagem da criação extensiva para a intensiva, por isso o gado não foi mais criado à solta, e sim em espaços fechados. Como conseqüência, a necessidade de vaqueiros de campo para juntar e apartar o gado em grandes extensões de terras diminuiu gradativamente.

Entre as mudanças ocorridas e processadas historicamente nas vaquejadas, as regras foram as que mais influenciaram o modo de ser do vaqueiro. Porém isso não significa que esse evento esteja somente se transformando sem haver relações entre “a pega de boi”, “a vaquejada de mourão” e a vaquejada moderna contemporânea. Nesse sentido, percebemos transformações na vida desses vaqueiros, no *modus operandi*, de prática do trabalho do laborar com o gado no campo, para o esporte nos parques de vaquejada. Estes na maioria são localizados na cidade. Entre os vaqueiros, uns são profissionais das vaquejadas e competidores, enquanto que outros a têm somente como um hobby e até mesmo diversão nos fins de semana.

Embora essas representações possam está tão somente relacionadas ás transformações no modus operandi, o estudo a respeito irá possibilitar uma reflexão mais minuciosa sobre o que está deslocando certos aspectos do comportamento do vaqueiro, associado aos velhos costumes. E, sobretudo, como devemos interpretar a memória local nesta reflexão paradoxal existente entre as práticas tradicionais e a

necessidade de está em dia com os frutos da modernização. (TAPETY, 2007, p.10,11)

Portanto busco compreender como a figura do vaqueiro influencia a sociedade piauiense, onde sempre está presente através da arte, da música e dos esportes trazendo a imagem do vaqueiro como símbolo inspirador e mantenedor de cultura e identidade dos piauienses.

Assim a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” os fantasiados sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre sendo “formada”. (HALL, 2005, p.380).

O vaqueiro no Piauí já não é aquele de alguns anos atrás; hoje, eles incorporam novos costumes e valores sem perceber, já que a identidade está sempre em processo de formação. Desta forma busco registrar, através de entrevistas, os valores que eles ainda carregam e como eles se adequaram a essas novas formas de representação que implicam em novos comportamentos na nova geração.

Neste trabalho pretendem-se abordar os conceitos de práticas e representações culturais do vaqueiro no Piauí, compreendendo como ela tem sido utilizada na historiografia piauiense, para focar as transformações sociais e locais que vêm ocorrendo com esse sujeito. De acordo com Tapety (2007), em diversas obras literárias ambientadas na vida rural piauiense, como *Ataliba o Vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, e em obras de projeção nacional, como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, onde as imagens do vaqueiro são cristalizadas a partir do fenômeno da seca e também da composição da imagem do vaqueiro. A masculinidade surge como um aspecto definidor de sua identidade, que foi sendo forjada ao longo dos séculos, associada à valentia do homem sertanejo.

A partir destes elementos, percebe-se que a figura do vaqueiro está associada não só à valentia e força do homem do campo, do nordestino, do “cabra macho” que tem coragem e garra e não teme ao perigo, mas também à masculinidade, pois percebemos que, apesar de ter mulheres que hoje fazem parte do ato de vaquejar e da vaquejada, hoje o que predomina ainda é a masculinidade, pois estes são a maioria, ou seja, os homens são maioria.

Procuramos, através da história oral e da memória, compreender como foi gestada a identidade cultural desses sujeitos sociais, pois a intenção é ampliar as discussões sobre as práticas de vaquejar em Picos e microrregião, principalmente na zona rural, na Localidade Futuro, onde ainda acontecem as antigas pegadas de boi no mato; focamos também na Cidade de Picos, onde acontecem as vaquejadas modernas. Para que, a partir destes atos de vaquejar,

tanto os antigos como os novos, possamos entender como esses sujeitos sociais vêm estas transformações das práticas e representações do vaqueiro piauiense. Segundo Portelli,

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo o momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades a sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. (PORTELLI, 1996, p.8)

Com base nesse princípio, buscamos registrar essas “experiências comuns” e tomá-las como memórias fragmentadas e de histórias verbalizadas que nos ajudaram a compreender as mudanças sociais no ato da vaquejada. Desse modo, ao nos apropriarmos da história oral, procuramos tomá-la como sendo um campo de “possibilidades” que nos direciona para a interpretação de narrativas complexas.

Convém ressaltar que as fotografias que são apresentadas no texto são apenas ilustrações que fazem alusão ao tema. Estas retratam as práticas e representações dos vaqueiros e ao mesmo tempo as transformações que vêm ocorrendo com esses sujeitos sociais. Assim, essas ilustrações foram utilizadas apenas para que se possa entender melhor como ocorreram as transformações desses vaqueiros nordestinos. As referidas fotos são dos vaqueiros, Abel José de Sales e Francisco Buenos-Aires, da Localidade Futuro, município de Picos; as outras são imagens retiradas da internet, do Parque de Vaquejada Santinho Xavier, que fica Localizado no Bairro Parque de Exposição Picos – PI, e outra de vaqueiros da microrregião de Picos.

Para melhor compreensão desse estudo, ele está dividido em dois capítulos. Antes do primeiro são feitas as considerações iniciais acerca do trabalho, apresentando os objetivos, bem como apresentando o tema ao leitor. No primeiro capítulo, aborda-se a formação do sertão nordestino e, especificamente do sertão piauiense, sua formação e ampliação para a criação do gado; como se deu a criação do município de Picos, visto que, assim como diversas cidades do Piauí, o Município de Picos nasce da atividade da pecuária.

Abordamos o conceito de práticas e representações culturais do vaqueiro, compreendendo como ela tem sido utilizada na historiografia piauiense, para etiquetar as transformações sociais e locais que vêm ocorrendo com esse sujeito.

O segundo capítulo traz uma abordagem histórica sobre as transformações que vêm ocorrendo no seio da comunidade dos vaqueiros, em relação às práticas de trabalho e às representações culturais, que constituem o objeto de estudo do presente trabalho. Apresenta-se

com base nos autores e entrevistas dos sujeitos que participaram desse processo histórico, buscando através da memória, identificar como foi gestada a identidade cultural desse sujeito social, para isso, recorreu-se à metodologia da História Oral para ampliar e preencher os espaços da história cultural do vaqueiro.

Portanto a memória só é história se ela for problematizada, então buscarei entender como estas práticas e representações culturais são representadas como relações sociais e construções identitárias dentro do campo da semiótica como formação de símbolos.

Procuramos discutir também como, com o passar do tempo, a imagem do vaqueiro e a prática da vaquejada vêm sofrendo transformações, mas isso não significa que essas novas formas de representação não estejam relacionadas com os antigos sistemas de relações sociais, pois uma depende da outra, onde passado e presente sempre estão juntos como herança dos antepassados. Essa transformação implica novos comportamentos na geração contemporânea, que é o fruto da modernização, implicando novas regras.

Em seguida são feitas as considerações finais, bem como apontam-se as referências que subsidiaram o estudo.

1- A PECUÁRIA, A FORMAÇÃO DO SERTÃO NORDESTINO E A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PICOS-PI

Neste capítulo iremos discutir o processo de colonização, formação e caracterização do sertão Nordestino. Especificamente do sertão piauiense, a sua formação e ampliação para a criação do gado. Trataremos e analisaremos a vida dos vaqueiros no município de Picos, levando em consideração o povoamento e desenvolvimento do espaço.

Diante da diversidade histórica existente no Brasil, desde os remotos tempos coloniais até os dias contemporâneos, sempre encontramos o nordeste, como uma importante região brasileira, não somente no contexto histórico, mas também na conjuntura, econômica, política e cultural brasileira.

Na região Nordeste o processo de colonização teve início com a expansão do açúcar que, por sua vez, proporcionou a introdução e ampliação para a criação do gado. Devido à crescente ocupação das terras da Zona da Mata nordestina, pela agricultura canavieira praticamente monopolizando-as para a fabricação do açúcar, criou-se a necessidade de se buscar outras áreas para o desenvolvimento de atividades auxiliares para os engenhos. Como os produtos agrícolas alimentares, a carne, o couro, e o meio de transporte para sobrevivência dos engenhos etc. Este processo provocou a expansão portuguesa para além do domínio das unidades de produção do açúcar, em que o gado foi um importante meio para a introdução dessa marcha sertão adentro.

O gado vacum dispensava a proximidade da praia, pois as vítimas dos bandeirantes a si próprio transportava das maiores distâncias e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar. Pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, considerado de alta valia, num país de população rala. Quase abolia capitais, e circulante, a um multiplicando-se sem interstício. Fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e água usados na marinha. De tudo pagava-se apenas em sal; forneciam suficiente sal os inúmeros barreiros dos sertões. (ABREU, 1986, p.130)

O que levou os senhores de engenho a enviarem o gado sertão adentro foi a dificuldade de criar o gado solto e produzir açúcar na mesma região, pois o interesse maior estava na produção do açúcar. O que proporcionou avanço e desenvolvimento abrindo novos caminhos para a criação do gado.

Outro fator também importante na criação do gado na região nordeste foi a disponibilidade de grandes extensões de terras, que favoreceu a expansão da pecuária. Este

trabalho particulariza as análises especificamente no Piauí, pois a forma como se deu a sua colonização, como já foi mencionado, foi por meio da expansão da pecuária.

A expansão da pecuária se teve início na Bahia e se estendeu até o rio São Francisco, posteriormente chegando ao Piauí e Ceará.

As primeiras expedições no território piauiense são datadas no final do século XVI e princípio do século XVII, motivadas pelos interesses da coroa Portuguesa em empreender trabalho de cunho ideológico, visando à catequese dos nativos para o trabalho na lavoura da cana-de-açúcar. (TAPETY, 2007, p.29)

Ao pensar o sertão nordestino, nota-se a existência de diferentes e diversos (aqui falta algo) no Brasil, mas que em comum tiveram a criação do gado como principal elemento da economia sertaneja. Do gado consumiam-se a carne e o leite, do couro fabricavam-se de roupas e calçados, ou seja, a partir da pecuária desenvolveu-se a sociedade piauiense.

1.1 A formação do sertão piauiense

Busca-se nesse trabalho, analisar a formação do território piauiense, desde o início de sua ocupação, no final do século XVII. Como sabemos, a pecuária foi a base da formação social piauiense. Dadas as circunstâncias do avanço do gado sobre a cana-de-açúcar, iniciou-se o processo de interiorização do gado no Nordeste brasileiro, pelos limites além mar.

A colonização do Piauí se deu pelos movimentos de expansão da pecuária e de interiorização dos espaços coloniais da América portuguesa, atraídos pelas condições propícias para a criação extensiva do gado.

Contingentes de desbravadores se espalharam pelas áreas, tornando-se donos de currais, expulsando e dizimando as populações indígenas e assim conquistando as terras. O Piauí é fruto de uma ocupação territorial efetivada, através da expulsão, apresamento e dizimação de uma população nativa que ocupava o território. O processo colonizador no Piauí foi muito intenso, pois os nativos resistiam à ocupação do seu território. “A apropriação e a exploração da terra davam-se através de luta violenta e cruel, exterminando tribos e nações em todo o Brasil, e o Piauí não foi exceção” (DIAS, 2002).

O processo de desbravamento do território piauiense deu-se de maneira específica, do interior para o litoral, quando já estava praticamente assentado o contorno geográfico das demais províncias limítrofes como já sabemos. A posse deu-se antes da propriedade, que foi demarcada depois da distribuição das Sesmarias. Coube ao bandeirante Domingos Jorge

Velho iniciar os primeiros núcleos de povoamento, criando currais, criando gado e domesticando o gentio.

Os colonizadores europeus que moravam no litoral denominavam estas terras de Sertão de Dentro, por ficarem afastadas da costa litorânea. Foi a partir do século XVII que o nome Piauí passou a ser utilizado para designar as terras que ficavam para além do Rio São Francisco. Até então, o Piauí era apenas um lugar entre o Ceará e o Maranhão, terras pouco conhecidas, sem limites definidos e habitadas por muitos nativos indígenas.

As primeiras informações sobre as terras do Piauí são do ano de 1697, e foram redigidas pelo padre Miguel de Carvalho no documento do Certão do Peauhy, encaminhada ao bispo de Pernambuco, Frei Francisco de Lima.

Tem o sertão do Piauí, pertencente à nova Matriz de Nossa Senhora da Vitória, quatro rios correntes, vinte riachos, com cinco riachinhos, dois olhos d'água e duas lagoas, à beira das quais estão 129 fazendas de gado, em que moram 441 pessoas entre brancos, negros, índios, mulatos e mestiços. Mais lagoas e olhos d'água têm em que moram algumas pessoas que, por todas as de sacramento, fazem o número de 605, em que entra um arraial de Paulistas, com muitos tapuias cristãos, o qual governa o Capitão Francisco Dias Siqueira. Com os que não são de sacramento, chega o número de todas as pessoas, de uma a outra qualidade [... batizados que ficam à obediência da nova Igreja (conforme o rol dos confessados). Os nomes e paragens das fazendas se acham no rol abaixo, com a distância de léguas que há de umas a outras, e nomes dos homens que nelas estão por arrendamento. (CARVALHO,2009, p.22)

O aumento do número de expedições para o interior do Nordeste deu origem aos núcleos de povoação, iniciando assim a ocupação do atual território do Piauí. Ao chegar a esta região, os colonizadores tiveram contato com as populações nativas. Contudo, à medida que essas terras eram ocupadas, vários conflitos ocorreram entre os colonizadores e grupos indígenas.

Os nativos do território onde hoje é o Piauí eram perseguidos tanto pelos criadores de gado, Domingos Jorge Velho da família Ávila, Domingos Afonso Sertão e Francisco Dias D'Ávila, da chamada Casa da Torre, que desejavam o desaparecimento completo dos indígenas para a expansão tranqüila dos rebanhos, como pelos religiosos (jesuítas), que defendiam a catequese dos nativos piauienses, considerados “selvagens” pelos brancos. Desse modo pode-se dizer que os indígenas foram vítimas do choque cultural¹ e da exploração econômica, que resultou em um verdadeiro genocídio.²

¹O termo “choque cultural” é designado como o confronto entre culturas diferentes e, ou comparar duas culturas e verificar que pode ser enorme o choque cultural ao se transladar de uma para a outra. Foi o que houve quando os Europeus chegaram a nossas terras, as populações indígenas tinham cultura e história próprias, seguindo seu

A pecuária era a segunda atividade econômica mais importante no Brasil colonial. A expansão da pecuária no território piauiense ocorreu durante a crise da produção açucareira e a expansão da mineração na região sudeste.

A pecuária foi a grande responsável pela ocupação do que atualmente constitui nosso estado. Na busca por uma área maior para criação do gado e pelas pastagens longe das terras dos engenhos nordestinos, os vaqueiros penetraram cada vez mais no Sertão de Dentro e começaram a instalar currais e fazendas perto de fontes de água doce, distanciando-se mais e mais do litoral.

De acordo com Mott (2010), com o aumento do número de fazendas e, conseqüentemente, de pessoas nas áreas interioranas do Nordeste brasileiro, principalmente no Piauí, a igreja católica, através do Bispo de Pernambuco, criou, às margens do Riacho da Mocha, em 1696, a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, cujo número de habitantes foi crescendo e, em 1712, transformou-se em Vila da Mocha, que, mais tarde, passou à condição de cidade com o nome de Oeiras.

Como já sabemos, pouco depois da passagem de Domingos Jorge Velho, chegou Domingos Afonso Mafrense, o colonizador do estado, que, às margens do riacho Mocha instalou a fazenda Cabrobó, na qual residiu por algum tempo.

Logo depois, formou-se um povoado, próximo a essa fazenda, com o mesmo nome, onde mais tarde foi chamado de Nossa Senhora da Vitória do Brejo da Mocha do Sertão do Piauí.

Após a criação da vila de Mocha, foram criadas no Piauí as seguintes vilas: Parnaguá, Jerumenha, Campo Maior, São João da Parnaíba, Marvão e Valença. Foi o gado, que na segunda metade do século XVII abriu caminho para a ocupação do estado do Piauí, demarcando as suas fronteiras e povoando assim essa região, que tem o vaqueiro como símbolo mantenedor e formador da identidade do piauiense, fundamentado no cotidiano desses sujeitos cujos costumes e práticas culturais estavam associados à economia do gado.

Os rebanhos trazidos por sertanistas, deixando o rio São Francisco, desceram os rios Gurguéia e Piauí, percorrendo a região que vai do Gurguéia ao Poti para assim chegar às

ritmo normal de desenvolvimento. Que no contato com o europeu sofreram com o choque cultural, em decorrência da guerra da conquista e da imposição da cultura ocidental.

² O termo “genocídio” tem sido definido como tentativa de destruição, total ou parcial, de grupo nacional, étnico, racial ou religioso. O genocídio foi na época da colonização europeia na América Latina e na África, largamente utilizado pra que o extermínio dos povos indígenas, se tornasse mais fácil para a Europa e para a escravização daqueles que lá habitavam. Da mesma forma que os Espanhóis, os colonizadores da América do norte também praticaram grande matança dos povos indígenas chegando a valores semelhantes ao da América Espanhola.

terras piauienses. As principais povoações do Piauí, depois transformadas em vilas e cidades, cresceram a partir das fazendas de criação de gado. A carne, como alimentação, e o couro no vestuário, permitiram a sobrevivência dos desbravadores pioneiros onde a figura do vaqueiro se destacou, pois eles eram quem conduziam e cuidavam do gado sertão adentro, nas fazendas e currais, sendo eles os desbravadores do Piauí.

1.2 - Criação do Município de Picos: práticas e representações culturais em Picos Piauí

Conhecida atualmente como a “capital do mel”, Picos situa-se na região cetro-sul do Piauí. É a terceira cidade mais populosa do Piauí, com população estimada em 73.414 habitantes, segundo o censo de 2010³. Com extensão territorial de 534, 715 km², ficando distante da capital Teresina a aproximadamente 308 km. Geograficamente é cortada pelo rio Guaribas, que, apesar de ser um rio temporário alivia o calor das tardes picoenses. É uma cidade economicamente desenvolvida nessa região. O mercado consumidor do seu potencial econômico é em grande escala a sua proximidade com centros consumidores de toda microrregião. Essas características, aliadas ao seu posicionamento geográfico, lhe conferem a condição de pólo comercial efervescente do Piauí, especialmente para combustíveis e mel. É cortada pela BR-316 (ou Rodovia Transamazônica), BR-407, BR-230 e fica próximo à BR-020, o que faz com que seja o pólo comercial do Piauí, pois é uma cidade de muitos transeuntes, sendo passagem para vários estados do nordeste e cidades da macrorregião.

Picos destaca-se também por sediar uma unidade do Exército Brasileiro, 3ºBEC-Batalhão de Engenharia e Construção, o que é muito importante, pois ajuda a sociedade picoense prestando serviços, tanto em obras do estado como na segurança, quando necessário.

³ Censo de 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel.php?Codmun=220800#>. Acesso em 05/12/2014.

Imagem 1: Localização da cidade de Picos (em destaque).



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro: Piaui_Municip_Picos.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Piaui_Municip_Picos.svg).

A origem do Município de Picos, assim como outras povoações piauienses, nasce da atividade da pecuária, com a instalação de uma fazenda às margens do rio Guaribas, inicialmente com a criação do gado vacum. Assim, o povoamento de Picos teve seu processo de formação impulsionado pela expansão colonial, através da atividade econômica que era a mais desenvolvida neste território, a criação do gado.

O início do povoamento deu-se com a vinda de compradores de cavalos, vindos de Pernambuco e Bahia. O primeiro lugar a ser devassado foi o atual município de Bocaina, em que Antônio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela a qual ainda existe.

Em 1851, erigiu-se freguesia no Povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de Dezembro de 1955, foi elevada à categoria de Vila, pela Resolução provincial nº397, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família Félix Borges Leal, português vindo da Bahia, que instalou a fazenda Curralinho às margens do Rio Guaribas. Em 12 de dezembro de 1890, Picos foi elevada à categoria de cidade. (Sousa, 2006, p.28)

Picos, a origem do nome deu-se devido à região se encontrar rodeada de montes picosos. Local de terras férteis desenvolveu-se rapidamente graças ao Rio Guaribas. Esta

região atraiu diversas pessoas que buscavam locais para se desenvolver, principalmente negociantes vindos da Bahia e Pernambuco, que vinham para negociar gado e cavalo.

Segundo fontes históricas no período de povoamento da região, nos idos de 1754, era marcante a figura do vaqueiro, em virtude de ali ser uma região predominante de fazendas, pois a ocupação do município teve como ponto de partida a fazenda Curralinho. Como explica Sousa (2006), Picos nasce da combinação de curral, fazenda e capela. Portanto, naquela época, em que a comunidade se formava, ela foi sendo constituída basicamente por uma população de vaqueiros. Ser vaqueiro ali era a principal atividade profissional, pois, nesta sociedade, a criação de gado e a agricultura de subsistência eram os principais meios de sobrevivência.

Assim nessa comunidade, onde tudo se iniciava, o ideal de homem revelava-se através da imagem do vaqueiro, do criador e negociador de gado. Segundo o historiador Odilon Nunes, no Piauí do século XVIII e XIX, existia uma sociedade onde, “mesmo aqueles que não eram vaqueiros, desejavam ser. E todos eram, ou como profissão, ou como divertimento favorito, o esporte a que todos se consagram” (NUNES, 2007), o que também contribuiu para que Picos viesse a ser, até meados do século XX, uma sociedade formada basicamente por vaqueiros e agricultores, com feições e ares de comunidade rural.

Imagem 2: Vaqueiros de campo, Abel José e Francisco Buenos-Aires da Localidade Futuro município de Picos Piauí de saída para campear o gado no mato.



Fonte: acervo pessoal.

Esta foto mostra dois vaqueiros de campo prontos para mais um dia de labuta nas caatingas do sertão piauiense, que é uma vegetação formada de árvores de pequeno porte, arbustos tortuosos e plantas cactáceas, ou seja, mais um dia de trabalho em que o vaqueiro vai

para o campo, para a mata, que é onde o gado está à solta, para juntá-lo e trazer para o curral. Por isso, é necessário ao vaqueiro o uso dessa vestimenta de couro, para proteger o seu corpo contra os galhos das árvores e dos espinhos das plantas, já que quase todas possuem, por ser predominante na caatinga nordestina.

Estes vaqueiros vão campear seu próprio gado que estava à solta em campos distantes, pois, quando acaba o período das chuvas, é preciso trazer de volta o gado para a fazenda, porque nestas há água e também mais pasto; devido ter passado o período chuvoso sem que os animais o consumissem. Com isso, nestas há muita pastagem, que dá pra o gado passar o período de seca até chegar novamente o inverno. E assim acontecem todos os anos a mesma lida com o gado, em que os vaqueiros fazem essas labutas que é pegar e juntar o gado que está à solta no campo para trazer para as roças, que é o espaço fechado da fazenda. Esta atividade os vaqueiros denominam de campear, que é juntar o gado.

A figura do vaqueiro sempre esteve presente na vida dos piauienses, desde sua colonização, sendo muitas vezes sua história confundida com a história do Piauí, isso porque parte das expressões culturais está ligada à vida do vaqueiro.

O medo de não ter espaços numa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo esvaziar, é que leva à ênfase na tradição, na construção deste Nordeste. Esta tradição procura ser baliza que oriente a atuação dos homens em transformação e impeça o máximo possível a descontinuidade histórica (ALBUQUERQUE, 2006, p.76).

Assim em Picos não seria diferente, uma vez que a figura do vaqueiro sempre foi marcante, pelo fato de a região ter sido predominante instalação de fazendas. Por isso vemos que esta cultura está ligada à identidade do piauiense, que tem o vaqueiro como seu principal desbravador.

No município de Picos, as práticas e representações, bem como as festas tradicionais do vaqueiro estão vinculadas ao seu trabalho cotidiano, e estas festas tradicionais estão ligadas às heranças de antigos sistemas de produção e às relações de trabalho de determinada época desde a colonização do Piauí.

Dentro desta discussão, é notório que, “As festas no sertão, e mais especificamente, as festas dos vaqueiros estão ligadas diretamente ao ciclo do gado na região” (CASCUDO, 1976). Algumas dessas festas que acontecem aqui em Picos como: a missa do vaqueiro, festa do vaqueiro, a cavalgada e a vaquejada, são festas que têm vínculo com o seu trabalho e o seu cotidiano. Retratam, sobretudo, o trabalho destes vaqueiros na lida com o gado.

No município de Picos e macrorregião acontecem os circuitos de vaquejada, que é um conjunto de cinco a seis vaquejadas que acontecem em parques de localização geralmente próxima, duas em uma mesma cidade, e as demais em cidades vizinhas, ou seja, é a união dos parques de vaquejada participantes, que, ao final do circuito, os finalistas de cada parque participante concorrem a um prêmio que será disputado numa vaquejada final.

Imagem 3: Parque de Vaquejada Santinho Xavier que fica localizado no Bairro Parque de Exposição Picos Piauí. Vaqueiros em competição na pista de vaquejada correndo boi.



Fonte: <http://www.google.com.br/imagens> de vaquejada em picos blog-nutricias.blogspot.com

Esta foto mostra uma dupla de vaqueiro de pista, o esteira⁴ e o derrubador, correndo boi em um parque de vaquejada em Picos Piauí. O esteira é quem alinha o boi, ou seja, arruma o boi na posição correta e pega o rabo e passa para o derrubador, que já está posicionado, e ao se aproximar da faixa derruba o boi.

Observa-se também na imagem a forma como o vaqueiro moderno se veste e como ele se porta para a corrida, que é diferente da forma do vaqueiro de campo, já que ele não está no mato e sim em uma pista que é um espaço que não oferece o perigo da caatinga, mas é um espaço fechado e com regras, onde desde a saída do boi até a sua queda dentro da faixa é tudo

⁴ O termo “esteira” é designado ao vaqueiro da esquerda, que mantém o boi em possível linha reta evitando a fuga.

calculado, com agilidade e técnica em um conjunto de força e habilidade entre vaqueiro e cavalo.

Esse “novo” vaqueiro não aprendeu o ato de vaquejar no campo, e sim correr nas pistas de vaquejada. O que distingue um do outro são as práticas, pois um labora no campo cuidando do gado e outro é um profissional e esportista que compete com os outros nas vaquejadas, que são festas com grandes espetáculos e prêmios para os vencedores da competição. Convém frisar que a maioria desses vaqueiros de pista vive hoje viajando por todo o Brasil e, principalmente, pela região nordeste competindo nas grandes vaquejadas. Estes são os tidos como os vaqueiros profissionais, pois vivem da vaquejada.

A intenção deste trabalho é contribuir para novas reflexões, através da memória coletiva local, acerca das diferentes identidades do vaqueiro piauiense; as simbologias atuais desses sujeitos, para que possamos refletir sobre o papel do vaqueiro dentro da sociedade.

Como já sabemos, a vaquejada, festa que teve origem, no sertão nordestino, com a labuta na criação de gado a partir da festa de apartação, constitui-se em uma representação cultural arraigada do sertanejo e é uma prática lúdica rural.

É nossa intenção difundir as tradições e práticas culturais que esta figura do vaqueiro tem para o Piauí, e como esta cultura está sempre presente por meio dos esportes, artes e músicas que trazem a imagem do vaqueiro. Pois estas representações fornecem elementos para se compreender o cotidiano desses vaqueiros e as próprias relações sociais desses sujeitos, como essa prática de trabalho do vaqueiro passou para esporte que é a vaquejada contemporânea, e como eles, os “velhos e novos” vaqueiros, entendem e compreendem essas transformações.

Segundo a fala do entrevistado, o Senhor Alcione Cesar, que é vaqueiro tanto de campo como pista e também agricultor que reside na Localidade Futuro, Município de Picos, e trabalha na sua própria fazenda.

Este atualmente está praticando mais a vaquejada de pista, pois, segundo ele próprio, é uma forma tanto de ganhar dinheiro, pois ele se considera um bom vaqueiro, como de encontrar os amigos e também de se divertir. Mas ele se considera como sendo os dois tipos de vaqueiro. Ressalta ainda que é muito difícil, no entanto aprendeu as duas formas porque cresceu entre esses sujeitos, vendo as duas práticas, tanto pelo seu avô como pelos seus tios, e assim ele aprendeu a ser vaqueiro, o que pra ele é motivo de orgulho.

Como ele pontuou ao falar o seu posicionamento em relação a essas transformações que vêm ocorrendo na vida dos vaqueiros, a partir de sua entrevista se percebem contradições em relação a essas transformações.

Pra mim essa transformação em partes não é legal porque o verdadeiro vaqueiro é o de campo. O outro é mais para um esportista do que pra vaqueiro, primeiro porque geralmente o vaqueiro de pista não tem coragem de correr no mato, pois correr na pista é perigoso é, mas correr no mato é mais. Aí o cabra fica dizendo que é vaqueiro e tal pra mim não é não. Mas assim tem alguns que corre nos dois tanto no mato como na pista, como eu, o Chico Galo e o meu filho, mas é uma exceção, sabe? Mas depois eu volto atrás, porque em parte a vaquejada de certa forma ela vem do vaqueiro de campo, só que com o passar do tempo veio sofrendo transformações cada vez mais, tanto nas regras como na estrutura e também no local onde eram praticadas, pois hoje vemos que a vaquejada cada vez mais se torna um esporte popular não só na zona rural, mas também na cidade, onde hoje se encontram os maiores parques de vaquejada. Porque de certa forma o que ta sendo ali representado é a figura do vaqueiro, então assim não ficando esquecida como símbolo mantenedor do nordeste, pois vemos que as músicas de vaquejada sempre estão voltadas para o vaqueiro nordestino, tanto o de campo, como o de pista sempre tão fazendo uma homenagem ao vaqueiro⁵.

Nesse trabalho percebemos as transformações ocorridas no seio das comunidades dos vaqueiros, tanto nas práticas de trabalho como na representação social. Com essas novas feições, vaqueiro e vaquejada são utilizados. Vaqueiro como profissão praticada na fazenda e vaquejada como atividade esportiva com competição entre profissionais da vaquejada nos Parques de Vaquejada.

Segundo a entrevista do Senhor Alcione Cesar, o verdadeiro vaqueiro é o de campo, mas percebe-se, através de sua fala, que ele está falando mais só em relação à coragem e à habilidade, que é colocada no vaqueiro de campo como sendo o corajoso o verdadeiro cabra macho, e estes muitos que se denominam vaqueiro são cabras “moles”, ou seja, não são corajosos. Então, pra ele, não merecem ser denominados como vaqueiros.

No entanto, ele volta muitas vezes atrás e fala que, de certa forma, essas novas práticas e representações do vaqueiro são como se fossem uma continuidade da cultura, pois o que está sendo representado ali é o vaqueiro, não importa qual, mas o que importa é que está sendo lembrado e não esquecido.

Hoje percebemos que muitos que se dizem vaqueiro correm vaquejada apenas por esporte ou hobby, nos fins de semana. Outros são profissionais das vaquejadas que, nos finais de semana, unem as duas coisas.

Estes últimos, que têm essa prática como profissão, são, na maioria das vezes, filhos e netos de vaqueiros que corriam nas antigas vaquejadas, “corrida de mourão”, ou festa de apartação no pátio das fazendas de gado. Assim, este estudo iniciará com uma discussão sobre a festa de apartação, uma vez que ela é a raiz das festas atuais.

⁵ SILVA, Alcione Cesar. 45anos de idade. Vaqueiro de Campo e de Pista. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales**. Localidade Futuro, Picos - PI, 29/03/2015.

Porém ao fazer análise sobre essas transformações constatou-se que, com o passar dos anos e com a evolução da vaquejada, aconteceram mudanças na representação social desses atores, tanto no modo de ser do vaqueiro, como na maneira com ele se porta e também nas vestimentas. Isso não significa que estes não estejam imbuídos de elementos simbólicos e identitários dos velhos sistemas de representação do vaqueiro, mas revela a necessidade de está em dia com a geração contemporânea e com as tecnologias que foram inseridas no meio dessas comunidades sócias.

Esse trabalho pode, em parte, contribuir para uma melhor compreensão de como foram construídas as fronteiras simbólicas e culturais que classificam esses sujeitos sociais, os vaqueiros nordestinos, já que são símbolos mantenedores do sertão, pois o vaqueiro sempre está presente nas manifestações artísticas do nordeste.

Assim, buscamos colocar em evidência as vaquejadas e analisar alguns aspectos relacionados à constituição dessa representação cultural e o seu significado para as comunidades rurais do sertão piauiense, pois as representações culturais refletem o modo de vida dos atores, e, para entendê-las, deve-se adentrar ao espaço social e desvendar a constituição e as práticas desse espaço, onde a prática da vaquejada, no presente, ganha sentido como uma tradição resistente e sobrevivente, mas desvirtuada pela perda da sua funcionalidade em contraste com uma tradição viva e original, já que a vaquejada hoje é uma atividade recreativa e competitiva, com característica de esporte.

2 - VAQUEIRO E VAQUEJADA: DO TRABALHO NAS FAZENDAS DE GADO AO ESPORTE NAS PISTAS

Neste capítulo abordaremos as transformações que vêm ocorrendo no seio da comunidade dos vaqueiros, em relação às práticas de trabalho e às representações culturais, considerando que esses eventos são tidos como a gênese das vaquejadas modernas, para compreender como o vaqueiro é representado nessas simbologias atuais e como esta cultura do vaqueiro está ligada à identidade do piauiense.

Dessa forma, procuramos demonstrar as relações de trabalho existentes nessa atividade, que antes era tida como prática de trabalho nas fazendas e hoje é praticada nos parques de vaquejada, com grandes estruturas, em dia e hora marcada, pois a vaquejada é tida como um prolongamento das apartações, é uma festa popular de tradição e “fidelidade ao passado”, uma recordação dos nossos antepassados, como uma lembrança viva de tudo aquilo que passou e que queremos reviver como se não tivesse passado. Assim, as vaquejadas buscam, através da memória coletiva e individual, a forma como foi gestada a identidade cultural desse sujeito social. Para isso recorro à metodologia da história oral, para ampliar e preencher os espaços da história cultural.

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, que decida escrever sua própria autobiografia (como é o caso de Frederick, Douglass), quer concorde em responder a uma entrevista, aceita a reduzir a sua própria história a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse. (PORTELLI, 1996, p.2)

Portanto a memória só é história se for problematizada, buscando entender como estas práticas e representações culturais são representadas como relações sócias e construções identitárias dentro do campo da semiótica, como formação de símbolos. Convém ressaltar que estes símbolos, com o passar do tempo, sofrem transformações, no entanto isso não significa que estes e essas novas formas de representações não estejam relacionadas com os antigos sistemas de relações sociais e simbólicas, implica novos comportamentos na geração contemporânea. Para tal, é exigido que estes símbolos estejam em dia com a modernidade, com as regras e as novas formas de representações, como é o caso da vaquejada moderna.

A década de 1980, como já sabemos, foi um período de grande importância para a História do Brasil, devido a sua complexidade no que tange às questões políticas, econômicas e sociais. Com as comunidades dos vaqueiros, já que estão inseridas na mesma sociedade, não

seria diferente, pois, a partir dos anos 80, esses sujeitos sociais passaram por muitas transformações, que constituem o reflexo das transformações sociais.

2.1. Das “pegas de boi”, corrida de mourão e ou festas de apartação às vaquejadas modernas

No nordeste, desde a sua colonização, o gado sempre foi criado à solta. Por isso a coragem e a habilidade dos vaqueiros eram indispensáveis para que o gado fosse mantido junto. O vaqueiro veio tangendo bois, abrindo estradas e desbravando regiões. Foram eles os grandes desbravadores do sertão nordestino e, em especial, piauiense. Portanto seria impossível compreender a sociedade piauiense sem a figura desse sujeito, que, com seu trabalho, força, coragem e garra, enfrentando todas as adversidades possíveis, foi quem devassou esse sertão nordestino, onde, a partir da década de 1980, essa prática vem se transformando e hoje é tida e praticada por muito como esporte.

Com essas novas feições, vaqueiro e vaquejada são utilizados. Vaqueiro, como profissão e vaquejada como atividade esportiva e competitiva, pois a forma da labuta com o gado, a vestimenta e as “pegas de boi no mato” não mudaram; correr atrás do animal desgarrado faz parte do seu dia a dia. Porém vêm ocorrendo transformações na vida desses vaqueiros. Tais mudanças afetaram as “pegas de boi” ou festas de apartação nas fazendas, antiga vaquejada de mourão, que aos poucos veio se modificando e, a partir dos anos 1980, passou a ser praticada como esporte, que é a vaquejada moderna, muito praticada no Piauí e em todo o nordeste.

Imagem 4: Vaqueiros pegando boi no mato na macrorregião de Picos



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?Imgurl=http://www.cabeceiraspiaui.com.br/in>.

Esta imagem mostra como são as “pegas de boi” no mato. Nela observamos a diferença do vaqueiro de campo e de pista, desde a vestimenta até a forma como o vaqueiro corre atrás do boi no mato. Essas características marcam as diferenças entre o vaqueiro de campo e o de pista, que é o moderno vaqueiro da contemporaneidade. Os vaqueiros incorporaram novas formas e regras para a competição. Desde o cavalo que corre no campo, que é da raça pé duro, enquanto que o de pista de vaquejada é da raça quarto de milha, que é um cavalo de grande porte, animal este que já é próprio para o esporte.

Essas diferenças, que são vistas não só nas práticas, mas também na forma de como se aprende a ser vaqueiro, pois o vaqueiro do campo aprende a vaquejar, na maioria das vezes, com seus pais e avós, já que, desde criança, começa a ajudá-los no laborar com o gado, ajuntando as vacas e os bezerros na roça, tirando o leite e observando as outras práticas, como a de campear o gado no mato, ou seja, correr dentro do mato e pegar o boi. Assim aprende o ofício de ser vaqueiro.

As mudanças ocorridas no cenário nordestino, em especial na profissão de vaqueiro, são devidas à substituição da apartação pela vaquejada, no início do século XX. No entanto tais atores sociais relegam a um papel secundário as transformações estruturais, embora, no âmbito social, estes ainda permaneçam como sujeitos reprodutores e produtores da cultura tradicional.

No decorrer do século XX, a vaquejada, que, para Câmara Cascudo, “é a maior expressão do ciclo do gado, passou a se organizar cada vez mais, criando regras e dando prêmios, atraindo público cada vez maior, chegando à década de 90 como a grande festa popular do sertão” (CASCUDO, 1976). Estas são, nos dias de hoje, megaproduções de shows com bandas famosas de forró e vaquejada, onde junta grande quantidade de pessoas para assistir ao evento, possibilitando o encontro de amigos e pessoas que gostam da vida de vaqueiro e que não tiveram a oportunidade de praticar antes, por terem seguido outros caminhos. Estas vêm na vaquejada contemporânea uma forma de viverem o que não viveram, como vaqueiros de campo. Por isso, muitos correm nas vaquejadas, como uma forma de reviver o passado e, até mesmo, como hobby.

A vaquejada é uma tradição regional que se reinventou e hoje é tida como esporte. A vaquejada consiste de dois vaqueiros, um de frente pro outro, na saída do boi. O vaqueiro pega o boi pelo rabo e deixa-o entre as duas faixas, no final da pista de vaquejada, ou seja, derruba-o na faixa, que mede 6 metros, numa pista de 150 metros. Bois, vaqueiros e cavalos formam um conjunto que requer velocidade força e precisão. São seis etapas, sendo que cada uma é dividida em quatro categorias. Estas constituem o critério de classificação, de modo

que o melhor de cada etapa chega à classificação final, e os cinco melhores de cada categoria serão os vencedores do campeonato.

A vaquejada no nordeste é o que há de mais nordestino no vaqueiro, e hoje, com as transformações e mudanças estruturais nesse conceito da nova vaquejada, essas etapas, campeonatos e circuitos que é como é chamada a vaquejada contemporânea, chega a movimentar milhões de reais por ano no nordeste.

Imagem 5: Vaqueiros em competição na pista de vaquejada derrubando o boi na faixa de 6 metros que é o local onde se deve derrubar o boi



Fonte: <http://WWW.google.com.br/imagens> de vaquejada em picos Cidadesnanet.com

Esta imagem mostra como é a derrubada do boi na vaquejada moderna. Nesta se observa que o vaqueiro contemporâneo não traja as vestimentas de couro e não corre atrás do boi no mato, como os de antigamente, e sim na pista, que é um espaço fechado e com regras a serem seguidas na competição. Estas são as transformações pelas quais o vaqueiro vem passando, de prática de trabalho para esporte com competição, mudanças estruturais e novas regras.

A vaquejada, de “festa mais tradicional do ciclo do gado nordestino” que teve como marca registrada as “pegas de boi no mato” e a “derrubada” do boi pela cauda, transformou-se em uma competição de agilidade esportiva.

Aquela que Euclides da Cunha anotou é uma sobrevivência, raridade excepcional, funcionalmente desaparecida no ritmo pastoril. Hoje, é festa pública, nas cidades, com publicidade e alto-falante, fotografias e aplausos citadinos. Outrora as bromélias, xique-xiques e cardeiros eram as únicas testemunhas das façanhas. (...) Correm os jovens vaqueiros e em maioria absoluta fazendeiros moços, homens titulados pelas Universidades, médicos, engenheiros, advogados, agrônomos. (...) A vaquejada tornou-se esporte da aristocracia rural (CASCUDO, 1976, p.29).

Segundo Câmara Cascudo, a “Apartação era a divisão do gado entre os fazendeiros. A “derrubada” consistia, quando em público, uma demonstração pessoal de conhecimento pastoril”. (CASCUDO, 1976). “A vaquejada, de fórmula de serviço-de-campo, anulada pelos impositivos do gado raziado e limitação das pastagens com o advento do arame farpado, constitui uma exibição esportiva, espalhando-se pelo Brasil”. (CASCUDO, 1976).

Seguindo essa perspectiva de interpretação dos fatos, nota-se a existência de uma série de paradigmas, rupturas e continuidades históricas, sociais e culturais. Analisá-las desta forma permite-nos enquadrar os estudos sobre os espaços internos e externos, onde os atores sócias são os precursores e mantenedores dessa cultura, que, mesmo sendo transformada com o passar dos séculos, continua fiel ao modelo nordestino.

As reflexões sobre o passado e o presente dos vaqueiros se tornaram, assim, oportunas neste trabalho a partir da percepção de que esses atores possuem uma representação social significativa na historiografia nordestina. Em especial, procura-se nesse trabalho interpretar as posições de identidade do vaqueiro piauiense, como pontuou o senhor Manoel Cesar:

Bom eu, eu minha vida toda foi com isso aí, foi laborando com o gado né, desde criança desde á idade que eu comecei a laborar com bicho foi com gado e criação, mia vida foi dedicada a isso aí. Inclusivo é, é esse movimento que nós temos com gado já vem dos meus avôs que meu avô pai da mia mãe ele veio da Bahia com 23 anos de idade pra ser vaqueiro da fazenda Laje né, em Campinas do Piauí, ele foi vaqueiro lá, mia mãe foi criada vendo seu pai ser vaqueiro da fazenda do estado né, do Piauí né, naquela época de tempo o estado trabalhava com esse negócio de fazenda de gado né, entendeu, aí nós peguemos essa, essa, esse movimento, essa luta, por que isso já vem de tradição, viu é de família, eu me criei labutando com isso e até hoje. Hoje em dia eu não agüento mais porque já estou com problema de hérnia de disco de coluna, aí não agüento mais a luta pesada,mas é preciso sempre ta no meio ajeitando ,tem maninho meu filho que é quem ta laborando hoje no meu lugar⁶.

Pela fala do entrevistado, o Sr. Manoel Cesar, é possível perceber que ser vaqueiro para ele é tradição de família, pois, desde os seus antepassados, isso é continuado, como ele

⁶ CESAR, Manoel Sales. 60anos de idade. Vaqueiro de Campo. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales.** Localidade Alegre, Picos - PI, 05/04/2015.

mesmo disse que cresceu em meio à labuta com o gado e vive até hoje, não mais na labuta com o gado no mato porque não agüenta mais, mas sempre está no meio ajeitando e ensinando, quando necessário, o seu filho que é vaqueiro hoje no seu lugar. Percebe-se que, para ele, carregar essa tradição que já vem de gerações e vem sendo continuada pela geração contemporânea, é motivo de orgulho, pois seu filho é vaqueiro e também espera que seu neto seja e continue assim a repassar essa tradição, essa cultura.

Nesta perspectiva, classifico a minha pesquisa como algo oriundo de inquietações múltiplas que passeiam pelos campos da história cultural e dos conceitos, buscando compreender como o vaqueiro é representado nessas simbologias atuais e como essa cultura está ligada à identidade do piauiense.

Segundo, Stuart Hall (2005), “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade.” O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior, que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Cabe a nós nos identificar, ou não com, o que esses mundos culturais nos oferecem, pois não necessariamente nos identificamos com uma cultura porque vivemos nela.

Esse período em que o vaqueiro passou por transformações decorrentes da separação entre a apartação e a vaquejada, provocada por mudanças no manejo do gado tem como consequência uma mudança na representação social do vaqueiro, que passou de profissional para esportista. Essa mudança se deu devido às inovações na pecuária, que passou do modelo de criação extensiva para a intensiva, de modo que o gado não mais foi criado à solta, mas em espaços fechados, motivo pelo qual não mais se necessitava de muitos vaqueiros para juntar o gado, já que ele está preso em um espaço de menor extensão.

Nas mudanças ocorridas e processadas historicamente nas vaquejadas, as regras foram quem mais influenciaram definitivamente o modo de ser do vaqueiro. Porém isso não significa que esse evento esteja somente se transformando sem haver relações entre “a pega de boi”, “a vaquejada de mourão” e a vaquejada moderna, a contemporânea. Percebemos nesse sentido transformações na vida dos vaqueiros, que passou de prática para esporte. Esta, no passado, era atividade de campo exercida sem competição, enquanto que hoje é uma atividade em que os participantes são competidores.

Segundo o entrevistado, Senhor Alcione Sales, não há como separar o vaqueiro de campo do vaqueiro de pista, pois um é precursor do outro.

Assim eu sempre falo que mudou e vem mudando, só que antes era praticado apenas como trabalho e hoje não. Mas, assim sempre uma tem haver com a outra, até porque o sentimento de pertencimento de ser “vaqueiro” eu creio que é o mesmo. Como nas vaquejadas de hoje está acontecendo à mesma coisa a cada ano vem surgindo novas regras se transformando e tal, mas não deixa de ser a mesma vaquejada sabe. Então eu falo assim que não dar pra falar no vaqueiro de pista de vaquejada e não pensar no de campo, porque assim até hoje, quem busca o boi pra pista de vaquejada é o vaqueiro de campo e claro eles os “velhos” vaqueiros foi os percussores da vaquejada.

Então os “novos” vaqueiros de pista se expiram no vaqueiro de campo, não tem como mudar isso uma está ligada a outra⁷.

Portanto, busco compreender como a figura do vaqueiro influencia a sociedade piauiense, uma vez que este sempre está presente nas manifestações artísticas, na música e nos esportes.

Isto porque esta cultura faz parte da identidade do vaqueiro que está ligada a antigas heranças do sistema de produção e relações de trabalho de determinada época, e estas fornecem elementos para se compreender as próprias relações sociais desses sujeitos que têm grande importância para o povo piauiense devido ao seu processo de formação.

E a partir delas poder entender, através da memória coletiva e individual, as transformações do processo de identificação do vaqueiro piauiense, não pensando no desaparecimento dos signos culturais, mas questionando a identidade cultural destes atores sociais, num contexto de novos canais de comunicação em tempo e espaço delimitados, e como estes sujeitos ressignificaram. Propomo-nos, portanto, investigar as práticas socioculturais de indivíduos que se dedicaram á labuta com o gado em tempos remotos, cujas lembranças evidenciam costumes e regras que revelam indícios do que era ser vaqueiro no Piauí, num cenário marcado por representações distintas do contexto atual; representações que aparecem como sustentáculo e afirmação de uma identidade e de um modo de vida (TAPETY, 2007, p.44).

O vaqueiro no Piauí já não é aquele de alguns anos atrás. Hoje, eles incorporaram novos costumes e valores, sem perceber.

Stuart Hall ao trabalhar a questão da identidade ressalta que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado”. (HALL, 2005)

Desta forma nesse trabalho busco registrar os valores que eles ainda carregam e como eles se adequaram a essas novas formas de representação que implicam novos comportamentos na nova geração.

⁷ SILVA, Alcione Cesar. 45anos de idade. Vaqueiro de Campo e de Pista. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales**. Localidade Futuro, Picos - PI, 29/03/2015.

O medo de não ter espaços numa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo se esvaíar, é que leva à ênfase na tradição, na construção deste Nordeste. Essa tradição procura ser baliza que oriente atuação dos homens numa sociedade em transformação e impeça o máximo possível à descontinuidade histórica. (ALBUQUERQUE, 2006, p.76)

A intenção deste trabalho é difundir as tradições e práticas culturais que a figura do vaqueiro tem para o Piauí, pois essa cultura está sempre presente por meio dos esportes, artes e músicas que trazem a imagem do vaqueiro, contando a sua história e o modo pelo qual este tem as suas perdas e glórias como campeão, vencedor e trabalhador, mas que sempre segue o seu destino com muito amor. Assim, vemos que esta cultura está ligada à identidade do piauiense, que tem o vaqueiro como o seu principal desbravador.

As festas tradicionais do vaqueiro estão vinculadas ao seu trabalho cotidiano, às heranças de antigos sistemas de produção e às relações de trabalho de determinada época. Com isso, as artes e a música popular fornecem elementos para se compreender o cotidiano desses vaqueiros e as próprias relações sociais desses sujeitos.

O discurso tradicionalista toma a história como lugar da produção da memória, como discurso da reminiscência e do reconhecimento. Ele faz dela um meio de os sujeitos do presente se reconhecerem nos fatos do passado, de reconhecerem uma região já presente no passado, precisando apenas ser anunciada. Ele faz da história o processo de afirmação de uma identidade, da continuidade e da tradição, toma o lugar de sujeitos reveladores desta verdade, eterna, mas encoberta. (ALBUQUERQUE, 2006, p.79)

A vaquejada é uma “modalidade esportiva” praticada, sobretudo no nordeste brasileiro, na qual dois vaqueiros a cavalo devem derrubar um boi, dentro dos limites de uma demarcação a cal, puxando-o pelo rabo. Vence a dupla que obtiver maior número de pontos. Este esporte originou-se da necessidade de reunir o gado que era criado solto na mata na época dos coronéis.

Segundo os autores estudados, que discorrem sobre como se deu a colonização do nordeste, tudo começou aqui pelo nordeste com o Ciclo dos Currais. É nesse período que surge a figura do vaqueiro e as apartações. Os campos de criação não eram cercados. O gado era criado em vastos campos abertos e distanciava-se em busca de alimentação mais abundante nos fundos dos pastos. Para juntar o gado disperso pelas serras, caatingas e tabuleiros, foi que surgiu a atividade de vaquejar e a apartação.

Escolhia-se antecipadamente uma determinada fazenda e, no dia marcado para o início da apartação, numerosos fazendeiros e vaqueiros, devidamente encourados, partiam para o

campo, guiados pelo fazendeiro anfitrião, divididos em grupos espalhados por todas as direções à procura dos rebanhos, para juntar na fazenda sede da apartação do gado.

O gado encontrado era cercado em uma malhada ou rodeador, lugar mais ou menos aberto, comumente sombreado por algumas árvores, onde as reses costumavam proteger-se do sol, e nesse caso o grupo de vaqueiros se dividia. Habitualmente ficava um vaqueiro aboiador para dar o sinal do local aos companheiros ausentes. Certo número de vaqueiros ficava dando o cerco, enquanto os outros continuavam a campear. Ao fim da tarde, cada grupo encaminhava o gado através de um vaquejador, estrada ou caminho aberto por onde o gado era conduzido para os currais da fazenda. O gado era tangido à base do traquejo, como era chamada a prática ou jeito de conduzi-lo para os currais.

Nenhuma festa tinha as finalidades práticas das “apartações” do Nordeste. Criado em comum nos campos indivisos, o gado em junho, sendo o inverno cedo, era tocado para grandes currais, escolhendo-se a fazenda maior e de mais espaço pátio de toda ribeira. Dezenas e dezenas de vaqueiros passavam semanas reunindo a gadaria esparsa pelas serras e tabuleiros, com episódios empolgantes de correrias vertiginosas. Era também hora dos negócios. Comprava-se, vendia-se, trocava-se. Guardadas as reses separava-se um certo número para a “vaquejada”. Puxar gado, correr boi, eram sinônimos. (CASCUDO, 2010, p.10)

Quando era encontrado um barbatão⁸ da parte do vaqueiro da fazenda sede, ou da conta de vaqueiro de outra fazenda, era necessário pegá-lo de carreira. Barbatão era o touro ou novilho que, por ter sido criado nos matos, se tornara bravo. Depois de derrubado, o animal era peado e enchocalhado⁹. Quando a rês não era peada, era colocado um cambão, que são dois pedaços de pau colocados amarrados ao pescoço do boi, para não deixá-lo correr, e assim ficar de fácil traquejo.

Se o vaqueiro que corria mais próximo do boi não conseguisse pegá-lo pelo rabo, ou cauda do animal, para derrubá-lo, os companheiros gritavam: – você botou o boi no mato. Hoje nas vaquejadas contemporânea, se o vaqueiro não conseguir derrubar o boi entre as duas faixas na pista de vaquejada ou “queimar o cal” durante a queda do boi entre as faixas, o juiz, que é a pessoa que observa e fiscaliza a corrida durante toda a competição dos vaqueiros, é quem grita zero boi. Queimar na linguagem do vaqueiro significa ficar com umas das patas do boi fora das faixas ou mesmo arrastá-lo até elas.

De início, a vaquejada marcava apenas o encerramento festivo de uma etapa de trabalho, reunir o gado, marcar, castrar, tratar as feridas, etc., trabalho essencial dos vaqueiros.

⁸ O termo “barbatão” é utilizado para o boi que nunca foi ao curral.

⁹ O termo “enchocalhado” é utilizado quando se põe o chocalho no pescoço do boi.

Era a “Festa da apartação”, da separação do gado. Feita a separação, acontecia a vaquejada. Estas eram provas que mostravam a habilidade dos peões e vaqueiros na lida com cavalos e gado.

Por volta de 1940, os vaqueiros de várias partes do Nordeste começaram a tornar públicas suas habilidades na Corrida de Mourão. A partir daí foi se tornando conhecida a vaquejada, que, com o passar do tempo, popularizou-se cada vez mais.

Os coronéis e os senhores de engenho passaram a organizar torneios de vaquejada. Nestas os vaqueiros competiam, enquanto que os patrões faziam apostas entre si, mas ainda não existiam premiações para os campeões. Os coronéis davam apenas um “agrado” para os vaqueiros que venciam a competição. A festa se tornou um bom passatempo não só para os patrões, mas também para suas mulheres, seus filhos e outras pessoas da região que se juntavam em um determinado local das fazendas para assistirem às vaquejadas. Assim, as festas de vaquejada reuniam um grande público, que foi crescendo com o decorrer dos anos.

Com o passar do tempo, as vaquejadas foram se popularizando, tornaram-se competições, com calendário e regras bem definidas. Viraram “indústrias” milionárias, que oferecem verdadeiras fortunas em prêmios. Hoje, há dezenas de parques de vaquejada no nordeste. Vaqueiros de todas as partes se reúnem para as disputas, pela glória e pelos prêmios, cada vez mais atrativos, o que aumenta cada vez mais o número de vaqueiros que participam das competições.

2.2. As narrativas dos velhos e novos vaqueiros e suas subjetividades

Nosso interesse neste trabalho é registrar as formas de representação e as práticas do vaqueiro piauiense, para que se possa entender, a partir delas, as transformações que vêm ocorrendo, pois a prática já não é a mesma, eles incorporam novas formas e costumes, e até mesmo os que ainda são vaqueiros de campo já não usam os mesmos acessórios e ferramentas de antigamente.

Segundo um dos vaqueiros entrevistados, o Senhor “Manoel Cesar”, o vaqueiro verdadeiro é o vaqueiro do gibão; o outro é invenção. Ainda segundo ele, os vaqueiros de pista não têm nada a ver com o de campo, a não ser o fato de mexerem com o gado. Ser vaqueiro de campo é cuidar do gado; quando uma está com bicheira ou tem qualquer outro problema, então quem cuida é o vaqueiro de campo. Além disso, quando a pessoa do fazendeiro ou criador precisa pegar o boi para vender, este é pego no campo pelo vaqueiro, que, laborando dentro do mato fechado, tem que ser cabra macho mesmo, pois este trabalho

não é pra caba mole não. Desse modo o vaqueiro de pista de vaquejada não faz isso não, caso um venha a fazer é uma exceção.

Os vaqueiros de campo e os vaqueiros de pista se diferem uns dos outros em termos de habilidade e coragem. São diferentes também no que se refere à forma de pegar o boi, até porque o boi na pista de vaquejada tem menos espaço para correr, o que torna mais fácil o ato de pegá-lo. Por outro lado, o vaqueiro de pista não corre o risco de se machucar tanto quanto o de campo, pois corre na areia e sem o mato fechado, sem os galhos das árvores e os espinhos que a caatinga nordestina tem. Já o vaqueiro de campo corre mais risco e enfrenta todos esses perigos, sem temer, pois é corajoso e mais habilidoso.

Os muitos vaqueiros de campo dizem que o vaqueiro contemporâneo não consegue entrar no mato, a não ser de olhos fechados e, se conseguir entrar, não sabe como pegar o boi, porque não sabe qual o lado “a cair”, ou seja, se erguer da sela pra frente ou pra trás para conseguir pegar e derrubar o boi.

Segundo o entrevistado, o Senhor Manoel Cesar, um fato que marcou sua vida como vaqueiro de campo e que ficou pra a história foi a pega de uma novilha de seu patrão.

Bom eu peguei uma nuvia do meu patrão. Aí eu comprei um cavalo do teu tio João né, aí o meu patrão tinha um gado, mas que o vaqueiro não era eu nessa época desse gado, era Zé de Quinca, aí ele foi e pegou o gado e se desentendeu mais o patrão, aí pegou o gado e vendeu, é, é, é entregou o gado e ficou uma nuvia que não entregou, e deram nove carreiras nessa nuvia e não pegaram né. Aí eu precisei de um cavalo pra labutar com os bichos, mas eu não tinha, porque nesse tempo eu era aperriadim, não tía bicho ainda, aí eu pedi a ele seu Cristove que comprasse um animal pra mim, aí ele disse eu compro um cavalo, aí ele disse, mas é assim, a nuvia é pra interar o dinheiro pra comprar o cavalo, aí eu tive que pegar a nuvia; aí fui mais João e peguei a nuvia no mato¹⁰.

Ser vaqueiro, segundo a fala do Senhor Manoel Cesar, ao contar um fato que marcou sua vida como vaqueiro de campo, que foi a pega de uma ‘nuvia’ de seu patrão não é para qualquer um, ou seja, segundo ele, tem que ter muita habilidade e também um bom cavalo; pois requer persistência no ato de vaquejar e até mesmo fazer alguns sacrifícios, para poder chegar a ser reconhecido, como um bom vaqueiro.

Continuando, o Senhor Manoel Cesar, contar a própria história como vaqueiro de campo, em que passou por muitos perigos, é muito gratificante, porque é motivo de orgulho poder narrar sua trajetória de vaqueiro.

¹⁰ CESAR, Manoel Sales. 60 anos de idade. Vaqueiro de Campo. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales.** Localidade Alegre, Picos - PI, 05/04/2015.

Mas João levou uma grande queda nesse dia, não pegou a nuvia, se assombrou. Quando foi outra vez aí a nuvia, eu nós arrudiamo a nuvia de tardezia, peguemos ela numa capuera levemo pro curral e o severgonho que andava mais nós muito gaiato, Egidio de Simão, pegou e arriou a nuvia na base de viajar, botou dois cambão de mumfumbo, que tava com uns quinze a trinta ano de cortado, aí tava bem fraquim no pescoço do bicho e botou uma careta com o barbicacho bem finim, que era pra nuvia não dar trabalho. Aí quando nós soltemos a nuvia do curral, a nuvia não era gado mermo, a bicha desapareceu e ainda foi preciso eu correr atrás da bicha dento do mato, a nuvia quebrou os cambão, perdeu a careta e saiu com uma corda no pescoço, uma corda até de cambão, uma corda de seu Abel uma cordia de nalho não tinha como torar. Aí eu disse: a nuvia vai morrer no mato; dei uma primeira botada na nuvia, a nuvia saiu com chucai, dei uma primeira botada na nuvia não peguei, aí perdi o companheiro. O companheiro sumiu, que era João, viu, aí quando foi na segunda carreira eu achei ela pelo rasto, ela tava em pé, aí eu corri num lugar chamado de fojão, num lugar que só anda caba bom, lugar de difícil acesso, é difícil a tudo, achei ela no cento da chapada sozinha, quando eu corri atrás da nuvia lá eu disse até uma ignorância lá e disse aparece cão pra empatar eu te pegar agora aí, lasquei o cavalim nessa nuvia foi pra pegar mermo né, aí Deus foi e entrou no meio viu que eu era muito ignorante me perdoou né; a nuvia na base que vinha de lá pulou um gaio de amarelo, um caba ãa tirado uma oropa e a nuvia pegou um gaio de imburana nas mão e eu cai por riba do pescoço, entendeu? Aí sentei nela naquele mermo lugar na mesma da hora no lugar que eu peguei ela e amarrei, um caba botou num bicho num cavalo cardão, passou bermo assim com uma estampa na cara num cavalo cardão e eu gritei, gritei, oia, aqui seu fela da puta e o caba passou torando lascou pra frente, eu entendi que aquilo era um espeí pra mim, por causa das besteiras que eu disse num lugar daquele e aquilo que eu fiz não era pra home fazer aquilo não, por que era perigoso o serviço¹¹.

Ser vaqueiro, como pontuou Seu Manoel Cesar, ao contar um fato que marcou sua vida como vaqueiro de campo, não é pra qualquer um, ou seja, segundo ele, não é pra cabra mole não, pois requer muita habilidade e, acima de tudo, coragem e persistência pra poder conseguir pegar o boi no mato, onde muitas vezes o vaqueiro acaba caindo e se machucando, devido o animal ser, como eles falam, velhaco, muito esperto e corredor, ficando assim difícil até de se aproximar e chegar a derrubá-lo, para poder trazer até o curral.

Através da fala do entrevistado percebe-se que foi uma labuta pesada até conseguir pegar essa novilha, que, até o momento, nenhum vaqueiro tinha conseguido pegá-la. Até ele mesmo reconhece que o que ele fez foi arriscado, devido ao local ser muito perigoso, cheio de precipícios e muito isolado. Tão difícil que ele chega a citar o nome de Deus e, segundo ele, Deus interveio naquele feito, pois, caso contrário, teria ocorrido o pior, devido a sua ignorância e brutalidade. De acordo com o seu depoimento, parece ter visto algo estranho, como se fosse uma visagem, coisa do outro mundo, como assombrações, pois o vaqueiro e o cavalo que passou próximo a ele, correndo atrás de um boi, na verdade, não eram reais, mas

¹¹ Idem

foi um exemplo para ele não mais xingar, ou seja, falar brutalidades, ignorâncias e nem ser tão cabeça quente como ele se denomina, pois ele correu risco de vida, devido a esses atos.

Continuando, a partir da entrevista que foi concedida pelo Senhor Manoel Cesar,

Uma nuvia com nove carreiras botada direitinho e os cabas não pegaram e eu fazer um negócio daquele num lugar daquele sozim e ainda dizer umas ingnorança daquelas. Aí eu saí de lá da fazenda umas seis horas da manhã, seis pra seis e meia, nós saimo de lá umas cinco horas da manhã, da fazenda, via embora, aí ela saiu do gado e o dia ainda tava truvo quando começou a labuta com ela né, quando foi onze horas do dia eu amarrei ela num, num numa estrada lá chamada lagoa das queimada, deixei amarrada porque ela não viajou mais, aí deixei ela amarrada lá, aí vim pra beira da lagoa, aí dei água ao cavalo, aí quando chegou um rapaizim e disse que tã visto meu companheiro que era João, teu tio né, na mandioca brava, muito longe mais de uma légua de distancia ,procurando se ele não tã visto zuada de vaqueiro descendo a chapada com gado, aí ele voltou com um pedaço, ele voltou pra trás pra pegar o rasto sabe, mas quando ele chegou eu já tava no tanque baiano o cavalo, aí almoçemos e voltemos. Aí às três horas da tarde nós botemo ela no mesmo curral que tinha saído cinco horas da manhã, então pra mim isso marcou mia vida, tanto como: Coragem e perigo que eu corri¹².

Ainda segundo a fala do entrevistado, percebe-se que, pra ele, esse fato foi marcante devido à forma de como se deu a pega dessa novilha, pois outros vaqueiros tentaram, mas não conseguiram, e ele sim, mesmo com tanto trabalho e perigo que passou. Esse fato mostra a performance de um bom vaqueiro, com sua coragem e habilidade, que o faz não temer o perigo que os campos da caatinga oferecem, pois a vegetação da caatinga é repleta de plantas espinhosas, desfiladeiros, morros e pedras soltas. No entanto, pra ele, isso significa e reforça a coragem e o orgulho de ser vaqueiro.

Segundo o entrevistado, o Senhor Manoel Cesar, hoje não existe mais vaqueiro assim, com coragem e habilidade como antigamente. Para ele, essas práticas estão se acabando, ou seja, vêm se modificando, com o passar do tempo, a maneira e a forma de labutar e de praticar as pegas de boi no mato.

Existe não, mas é, pode até existir algum que seja a mesma coisa, só que já falta a prática, porque hoje já não tem mais, ninguém não usa mais isso, aí fica difícil de fazer. Aqui tem manim e Antonio, eles dois junto são home de topar qualquer coisa, mas nem os arreios eles tem, os arreios que eu vejo é diferente a posição e eles já quer andar é de selote não é mais de sela não, o ferrão já não tem onde dependurar, ultimamente eles não tem nem arreio mais de gibão e perneira, nem isso eles tem mais pra fazer essas coisas¹³.

¹² Idem

¹³ CESAR, Manoel Sales. 60 anos de idade. Vaqueiro de Campo. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales.** Localidade Alegre, Picos - PI, 05/04/2015.

Ainda sobre essas mudanças e transformações pelas quais o vaqueiro veio passando, de prática de trabalho para esporte, não é de muito acordo, ou seja, não é bem aceita pelo vaqueiro de campo, porque, como pontuou o entrevistado, o Senhor Manoel Cesar,

Não, essa vaquejada, pra mim, é uma brincadeira, não tem nada a ver com o vaqueiro de campo, ali eu sou até revoltado com aquilo, aqueles que a gente vê ali, aqueles homens de chapelão que brinca vaquejada e se dizem vaqueiro, se botar eles no mato eles não sabe nem se derreia se é pra frente ou pra trás, entendeu? É como se fosse um esporte, um hobby, uma brincadeira, por achar interessante e bonito aquilo ali, mas em termo de coragem e habilidade pra ir pro campo, eles não tem não. Pra mim, aqueles vaqueiros que tiram em primeiro lugar aí nas vaquejadas é os últimos no mato, que pra entrar no mato tem que fechar os olhos né, entendeu?¹⁴.

Mas ainda sobre essas transformações que vêm ocorrendo com os vaqueiros, entende-se como uma necessidade que se dá para estar em dia com os frutos da modernidade. Porém há os que lutam e esperam que essas antigas práticas do vaqueiro não se acabem ou se transformem totalmente, mas continuem por seus filhos e netos, para que essa tradição de família e cultura, que é a identidade do piauiense, não se acabe e nem se transforme completamente. E sim que seja passada de pais para filhos.

Agora tem aquela vaquejada de boi no mato, que eu não conheço ela não, só vi pela televisão, mas ali é muita ação, ela é como se fosse o vaqueiro de campo, assim é a mesma coisa, até que eu sou emocionado com o meu neto, o Luiz, pra mim ele é tudo na minha vida. Até que um dia desse ele tava assistindo uma vaquejada de boi no mato, aí ele disse assim: vô, eu não vou ser mais vaqueiro de derrubar boi em pista de vaquejada não, eu vou é pegar boi no mato e beber cachaça, viu!? então eu fiquei alegre porque fui um vaqueiro de campo, então gostaria também que ele fosse; e com isso que ele me falou pra mim foi uma esperança dessa tradição não morrer, né? não se acabar. É justamente isso, ver que tem alguém novo que se interessa e sentiu vontade de ser vaqueiro de campo, agora vou pedir a Deus fortuna e muitos anos de vida pra eu ver meu neto sendo o que eu fui e fazendo o que eu fiz. Porque, pra mim, ser vaqueiro é motivo de orgulho, né? de muito orgulho, até porque é de tradição, né? é de família e com certeza não acabou ainda e nem vai acabar, a esperança que os jovens vaqueiros da minha família vão continuar aí nas futuras gerações se Deus quiser¹⁵.

Ao analisar a fala do senhor Manoel Cesar, entende-se que, para ele, ser vaqueiro é motivo de orgulho e, mais que isso, é a continuação da tradição de sua família, que, desde os primórdios da sua geração até os dias de hoje, são vaqueiros de campo. Mesmo com essas

¹⁴ Idem

¹⁵ Idem

transformações que vem ocorrendo no meio social, com o passar dos anos, ele e sua família ainda carregam essa cultura.

Desde criança, já se começa o interesse por essa prática de ser vaqueiro, não só como de campo, mas também, agora, pela vaquejada contemporânea, que está sendo muito praticada por toda essa macrorregião e, claro todo o Piauí, como uma das práticas de esporte de maior movimentação e estrutura de todo o nordeste, que chega a arrecadar milhões de reais por ano, onde esses sujeitos sociais são os mantenedores e precursores dessa cultura, que, mesmo sendo transformada com o passar dos séculos, é continuada fiel ao modelo do vaqueiro nordestino precursor.

A partir dos apontamentos feitos nas narrativas dos entrevistados, compreendemos que esses sujeitos, embora tenham sofrido transformações ao longo dos séculos, são arraigados das antigas práticas e representações em que a sua figura do vaqueiro sempre é tida como símbolo do sertão nordestino.

Segundo apresentaram as fontes orais dos jovens vaqueiros, houve sim transformações dos antigos sistemas de representação do vaqueiro de campo em relação aos de hoje, vaqueiro de pista, mas isso não significa que estes não tenham nenhuma relação com as antigas práticas, e sim está havendo novas adaptações, como pontuou o jovem vaqueiro, Aruda Sales da Silva.

Sim, houve transformações nas práticas e representações do vaqueiro, mas assim no sentido de prática de trabalho nas fazendas, de pegar o boi no mato para a vaquejada de pista, que é tida como esporte. Porque geralmente não é todo vaqueiro que corre na pista que tem coragem de correr no campo. Porque na pista, ali é perigoso, é, mas é mais difícil de acontecer alguma coisa mais grave. Agora no campo é muito mais. Hoje mesmo são poucos que é vaqueiro de campo e também de pista ao mesmo tempo. Mas há algumas exceções em que vaqueiros que corriam no campo, hoje corre nas pistas por falta de oportunidade de correr no campo. Então pra mim, tem a ver sim uma coisa com a outra, porque antes de ter a vaquejada de pista, como já sabemos, tinha as festas de apartações ou antigas vaquejadas de mourão, ou seja, era a vaquejada no mato. Depois, com o passar do tempo, foi que veio se transformando e passou a ser praticada na pista, que é um espaço fechado e, a partir daí, veio surgindo novas regras. Mas, no mais, pra mim, é igual, como ter que correr atrás do boi e derrubar pelo rabo e, claro, também no sentimento de pertencimento de ser vaqueiro, né? independente de ser de campo ou de pista, o orgulho de ser vaqueiro é igual¹⁶.

Pelas falas de Alcione Cesar e Aruda Sales, é possível perceber as mudanças, mas o que nos chama a atenção durante a escrita sobre o vaqueiro é de como essas práticas e

¹⁶SILVA, Aruda Sales. 18 anos de idade. Vaqueiro de Pista e Estudante. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales.** Localidade Futuro, Picos – PI, 24/04/2015.

representações culturais, mesmo tendo sofrido transformações, ainda são tidas como a continuação de suas identidades, tanto do vaqueiro piauiense, como do nordestino de forma geral, que têm o vaqueiro como símbolo e mantenedor da sua cultura e também de suas próprias continuidades históricas de tradições familiares, que se percebe que são passadas de pais para filhos, no decorrer das gerações.

Por meio das subjetividades desses vaqueiros observamos que o gosto e a vocação pelo ofício vaqueiral não desapareceu com a estrutura da pecuária intensiva, e mesmo num contexto marcado por novas formas de organização econômica, as representações que identificam os vaqueiros veteranos, aqueles vaqueiros do Mafrense que chegaram para ficar e iniciar o povoamento do Piauí; que seguiam morosos no passo lento das boiadas, demorando aqui e acolá, erguendo currais e devassando horizontes, sempre pacientes, pois faziam o que gostava, estava no seu sangue. Este sentimento ainda afeta os novos vaqueiros, motivando-os, apesar dos percalços, a permanecer sob o encantamento e sedução da mesma profissão (TAPETY, 2007, p.85)

Como pontuou Aruda Sales, quando foi questionado sobre se alguém lhe ensinou ou o influenciou a ser vaqueiro de pista, o entrevistado nos responde que

Sim, meu pai e o Chico Galo, o meu primo, me influenciaram muito. Assim, desde pequeno eu comecei acompanhar meu pai, aí foi quando foi observando e aí aprendi. Eu sempre fui muito curioso e também assistia muito DVD de vaquejada e daí por diante comecei a perceber que tava gostando muito de vaquejada, aí pai e os meninos, o pessoal que corre vaquejada, percebeu que eu levava jeito e começaram a investir em mim, botando pra eu correr e daí tudo começou. Fui treinando cada vez mais e hoje estou aí correndo nas vaquejadas como vaqueiro esportista e profissional¹⁷.

Os relatos orais permitiram o acesso a informações importantes em relação à vida dos vaqueiros. As entrevistas foram realizadas com um roteiro, mas esteve sempre flexível às memórias e às falas dos entrevistados. Ressalto ainda que esses sujeitos, os vaqueiros piauienses, durante as conversas, narram a partir de seu próprio tempo presente, de experiências pessoais e práticas vividas. Portanto, o nosso ofício enquanto historiador, como apresenta Yara Aun Khoury (2006), é compreender “não um passado dado, mas os significados atribuídos a esse passado no momento presente das pessoas”.

Portanto, a partir das falas dos entrevistados, uns acham que as transformações que ocorreram com os vaqueiros, ao longo da história, não foram oportunas para a continuação da

¹⁷ SILVA, Aruda Sales. 18 anos de idade. Vaqueiro de Pista e Estudante. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales.** Localidade Futuro, Picos – PI, 24/04/2015.

cultura fiel ao antigo modelo nordestino; outros acham que não têm problema, pois o que importa é que o vaqueiro está sendo evidenciado e não esquecido. Para estes, desde os primórdios de sua formação a figura do vaqueiro era daquele homem que trajava perneira, chapéu e gibão, conduzindo o gado montado a cavalo, vaquejando nos campos. Hoje se vê que as práticas já não são as mesmas, devido a essas transformações que evidenciam os vaqueiros de pista de vaquejada e não o de campo.

Com as mudanças culturais, surgem as crises identitárias. O velho vaqueiro não reconhece mais aquilo que deu a sua vida e o identificou. Todavia algumas formas de representação ainda persistem, reforçando a noção do que é ser vaqueiro, mesmo num contexto caracterizado por novos signos culturais (TAPETY, 2007, p.76)

Mas não é porque as práticas de trabalho e representação da comunidade dos vaqueiros sofreram transformações que devemos pensar numa desagregação identitária destes sujeitos, mas sim em pluralidade de identidades, que se formam por meio de influências de novos códigos culturais que se misturam. Essa pluralidade é decorrente da necessidade de estar em dia com os frutos da modernidade, que sempre está inovando, fazendo surgir novas regras e formas de representação, devido ao “sistema”, que implica uma constante mudança na sociedade contemporânea. Portanto, se as mudanças ocorrem em toda a cultura, reformulando sistemas simbólicos, no que se refere ao vaqueiro não seria diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como finalidade analisar as práticas e representações do vaqueiro no Piauí, particularizando para a cidade de Picos-PI, a partir da década de 1980 até os anos 2000, época em que vêm ocorrendo as transformações no seio da comunidade dos vaqueiros. Estas mudanças vêm fazendo com que a atividade de vaqueiro deixe de ser uma prática de trabalho no campo para se caracterizar como esporte nas pistas de vaquejadas.

No decorrer dos capítulos ficou constatada a importância do vaqueiro para o Piauí e para a sociedade picoense, como símbolo mantenedor de sua cultura, bem como as atividades e festas que na maioria são relacionadas aos antigos sistemas e relações de trabalho desses sujeitos, os vaqueiros nordestinos.

O ser vaqueiro sempre foi fator que estimulou a autoestima dos moradores do sertão. Isso é decorrente do fato de a imagem do vaqueiro ser construída a partir dos discursos históricos e literários, que classificam o sertanejo como homem forte, valente e honrando, o verdadeiro cabra macho. Além disso, o processo de formação e estruturação da sociedade foi se identificando e determinando uma fronteira sociocultural, cujos costumes e práticas estão em grande parte associados ao gado.

Mas não podemos afirmar que, ao longo das décadas de existências do vaqueiro, estes possam ter laços culturais que tenham sedimentado uma identidade própria, porque o vaqueiro incorporou novos costumes e valores até mesmo sem perceber. Este processo implica constantes transformações, tanto conjunturais como estruturais que são representadas de modos diferentes.

As transformações ocorreram não só no modo de se portar, como também nas vestimentas e nas práticas e representações que são expressas tanto no nível pessoal quanto no social. Mas isso não significa que estes sujeitos não tenham relações com as antigas representações e sistemas da prática de vaquejar, pois vemos que estes ainda carregam e mantêm essa paixão e orgulho de ser vaqueiro, que atravessam gerações e hoje ainda atraem a geração contemporânea.

O nosso objetivo de elegermos os vaqueiros como atores principais, em meio às mudanças sociais, fundamenta-se na discussão proposta desde a elaboração do projeto, pois se apontou que, mesmo com as transformações que vêm ocorrendo no seio das comunidades desses sujeitos junto a vários processos modificantes, o vaqueiro piauiense, como ícone dessas práticas, ainda possui forte identidade com suas raízes originais. Por isso, o nosso

maior objetivo neste trabalho é contribuir para novas análises, deixando-se então o registro de uma história que precisa ser contada.

REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, JR Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. Recife: FJN, 2006.

ALMEIDA, Paulo R. KHOUY, Yara. A. MACIEL, Laura A.(Orgs) **Outras Histórias: Memórias e Linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século VXIII**. Apresentação de Arnaldo Souto Maior. _Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. In. **Sobre o poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 8º Ed.- Bertrand Brasil,2005.

DIAS, Claudete Maria Miranda, **Balaios e Bem-Te-Vis: A guerrilha sertaneja**. 2º ed. Teresina. Instituto Dom Barreto, 2002.285p.

DOURADO, Simone Pereira da Costa. O Rural Como Fronteira do Urbano: rodeios e vaquejada nas interpretações do Brasil. **Rev. do Centro de Educação e Letras**, Campos de Foz Iguaçu, 2003.

CARVALHO, Miguel de. **Descrição do Sertão do Piauí, comentários e notas do Padre Cláudio de Melo**. 2. ed. Teresina: APL, FUNDAC, DETRAN, 2009. 75p. Il.(coleção grandes textos vol.3.)

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**(campanha de canudos).Série Ouro.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A vaquejada Nordestina e sua Origem**. Natal: Fundação José Augusto, 1976.

CASCUDO, Luís da Câmara, 1898-1986. **Vaqueiros e Cantadores para Jovens**/Luís da Câmara Cascudo; ilustrações de Jô Oliveira-1. ed. _São Paulo: Global,2010.

FALCI, Miridan Brito Knox. **ESCRAVOS DO SERTÃO Demografia, Trabalho e Relações Sociais**. Piauí 1986-1888. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995

FELIX, Francisco Kennedy Leile; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. O VAQUEIRO E A VAQUEJADA: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. **Ver. Geográfica de América Central Número Especial EGAL**, Costa Rica, 2011.

HALL, S.**A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro -10 ed.-Rio de Janeiro. DP& A, 2005.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Censo Demográfico. 2010.

MENEZES, Sônia de Sousa Mendonça. A Representação Cultural da Vaquejada Resistente no Sertão Sergipano do São Francisco. **Tese (doutorado)** Universidade Federal de Sergipe-UFS.

MOTT, Luiz R. B. **Piauí colonial: população economia e sociedade**. - 2. Ed. – Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.200P.il. – (coleção grandes textos - vol.8)

NUNES, Odilon. **Pesquisas para história do Piauí**. Teresina: FUNDAPI; Fund.Mons. Chaves, 2007.

OLIVEIRA, Vitor Hugo Abranche de. Representações do Sertão na Obra Musical de Torquato Neto. **Dissertação (Mestrado em História)** Universidade Federal de Minas Gerais-UFG, Minas Gerais.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Vol. 1, nº 2, 1996, p.59-72.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 3. Ed. rev./Teresina: EDUFPI, 2006.

ROCHA, Anne Karola Carlo da. A Festa do Vaqueiro na Cidade de Isaias Coelho(1973-2007). **Monografia**. Universidade Federal do Piauí. Picos - PI, 2012.

SOUSA, Jane Bezerra de. O ensino Municipal e o ensino Privado em Picos. (1929-1949). In: **II encontro interdisciplinar em Picos**. Picos: EDUFPI, 2006.

TAPETY, Audrey Freitas. “O VAQUEIRO NO PIAUÍ”: representações e práticas socioculturais (1980-2000). **Dissertação (Mestrado)** Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007.

VIEIRA, Natã Silva. CULTURA DE VAQUEIRO: O sertão e a música dos vaqueiros nordestinos. **III ENECULT**. UFBA, Salvador, 2007.

FONTES ORAIS

CESAR, Manoel Sales. 60 anos de idade. Vaqueiro de Campo. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales**. Localidade Alegre, Picos - PI, 05/04/2015.

SILVA, Alcione Cesar. 45 anos de idade. Vaqueiro de Campo. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales**. Localidade Futuro, Picos - PI, 29/03/2015.

SILVA, Aruda Sales. 18 anos de idade. Vaqueiro de Pista e Estudante. **Entrevista concedida á Aline Pinheiro de Sales**. Localidade Futuro, Picos – PI, 24/04/2015.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Sua idade?
- 2- Você é natural de onde?
- 3- Reside atualmente em que cidade?
- 4- Estado civil?
- 5- Você estuda?
- 6- Há quanto tempo você é vaqueiro?
- 7- Você desempenha alguma outra atividade além da atividade de ser vaqueiro?Qual?
- 8- Fale da sua trajetória até chegar à vaquejada?
- 9- Fale de sua trajetória na vaquejada?
- 10- Você se considera um vaqueiro?Por quê?
- 11- Alguém na sua família corre ou correu na vaquejada?Quem foi?
- 12- Alguém lhe ensinou a ser vaqueiro de campo? (ou) de pista Como foi?
- 13- Como faz para ser vaqueiro? Explique?
- 14- O que é ser vaqueiro?
- 15- Existe uma preocupação para ser vaqueiro?Explique?
- 16- O que é vaquejada?
- 17- O que a vaquejada significa para você?
- 18- Houve mudança na vaquejada?(caso sim, quais foram)
- 19- Existe alguma relação do vaqueiro de vaquejada com o de campo? Explique? E com o cavalo?
- 20- Fale de um fato que marcou a sua vida como vaqueiro?
- 21- Qual a diferença do vaqueiro de hoje para o de antigamente?Quais são?
- 22- O que é pra você ser vaqueiro de campo?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
 Monografia
() Artigo

Eu, Aline Pinheiro de Sales,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
“O VAQUEIRO NO PIAUÍ”: práticas e representações culturais em Picos - PI (1980-2000)

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de dezembro de 2015.

Aline Pinheiro de Sales
Assinatura